

ENSINO-APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD): ABORDAGEM COLABORATIVA

Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi(UNIGRAN)
sgarbi@unigran.br

Maria Alice de Mello Fernandes (UNIGRAN)
mariaalice@unigran.br

Rute de Souza Josgrilberg (UNIGRAN)
rutedesouza@unigran.br

Terezinha Bazé de Lima (UNIGRAN)
bazelima@unigran.br

1. Introdução

Educar, inserir-se no processo de ensinar e aprender e conduzir educandos à construção de conhecimentos era algumas das ações que marcavam o processo ensino/aprendizagem, o qual se dava no ambiente presencial de sala de aula. Na sociedade contemporânea, a educação avança cada vez mais para a *e-learning* ou aprendizagem virtual, envolta em flexibilidade e com plena interatividade (FORMIGA, 2009), assim, a inovadora metodologia que envolveu o processo ensino/aprendizagem que possibilitou ao aluno a elaboração do conhecimento em outros ambientes que não aquele apenas da sala de aula, já que esse aluno pode estudar em sua casa, em seu trabalho ou em outro local que desejar, desde que esteja conectado à rede.

Além da liberdade espaço-temporal que a educação a distância (EaD) concedeu ao aluno, essa modalidade traz em sua natureza algumas peculiaridades ou especificidades e uma delas é o distanciamento físico que se dá entre professores e alunos, fato que acaba por gerar certos questionamentos quando refletimos sobre essa relação e a construção de valores no que concerne à avaliação, pois, diferentemente da modalidade presencial, na modalidade a distância o processo avaliativo requer nova tomada de atitude, uma vez que na educação presencial esse processo põe-se sob o “olhar” presente do professor, pelo menos na maioria das vezes, ao passo que na EaD grande parte do processo ocorre longe da observação docente, apesar de contar com tutorias outras presenciais; talvez tenhamos aí uma das questões mais complexas no processo pedagógico.

Estudos detalhados e aprofundados sobre o tema “avaliação” na EaD precisam ser desenvolvidos, discussões fazem-se necessárias para que possamos entender como está ocorrendo a avaliação da aprendizagem nesse novo panorama educacional ,pois ao pensar em avaliação na educação a distancia percebe-se um longo caminho a ser construído.

Este texto, portanto, tem como objetivo principal desenvolver reflexões no que diz respeito à EaD, especificamente no que concerne à avaliação na EaD, como é desenvolvida e quais as implicações desse novo paradigma. Cremos que se debruçar sobre as questões citadas seja necessário e urgente, na medida em que temos atualmente no Brasil, nos mais variados níveis de escolaridade, cursos sendo oferecidos em quantidade cada vez maior, o que é salutar se pensarmos que o Brasil é um país com grande território e que a EaD propicia a integração/aproximação de regiões oportunizando às pessoas das mais variadas localidades a chance de acesso ao conhecimento.

2. A educação a distância (EaD) e o processo educativo na era digital

2.1. O que entendemos por educação a distância (EaD)?

Como estudiosos da educação, somos sabedores de que em nossa área há conceitos que levam certo tempo para serem aceitos, uma vez que são dependentes de outros conceitos já dominantes, o que faz com que demorem um pouco mais para serem sedimentados. Assim se deu com a educação a distancia (EaD); somente após as pesquisas desenvolvidas nas décadas de 70 e 80 a EaD foi entendida pelo que é devida às especificidades que a determinam.

Na década de 80, para Perry e Rumble (1987), a prática da EaD ocorria quando havia uma comunicação de dupla direção – ir e vir –, sendo que professores e alunos não estavam no mesmo local, necessitando para tal de meios de comunicação que possibilitassem o “contato”, fossem eles, telefone, fax, rádio e/ou computador, entre outros.

Já na década de 90, houve visível aprofundamento na caracterização, ou tentativa de caracterização da EaD. Garcia (1995) a percebeu como um sistema tecnológico de comunicação bidirecional que substituiu o contato pessoal professor/aluno pela ação contínua de variados recursos didáticos e apoio de tutoria que conduzia o aluno à aprendizagem autônoma e flexível. Assim, algumas ações se faziam necessárias para que a EaD fosse, de fato, educação a distância, entre elas o afastamento espa-

ço-temporal dos atores diretamente envolvidos: professores e aluno. Além desse afastamento teria que ocorrer, ainda, a participação intensa do aluno em se tratando do seu controle de aprendizagem e, também, fizesse necessário o uso de algum aparato tecnológico ou material impresso que pudesse mediar a comunicação entre professores e alunos.

Nesse caminho de estudos, outros teóricos se debruçaram e tem se debruçado sobre a EaD, os quais têm tecido sérias reflexões sobre essa modalidade de educação. Assim, qualquer que seja a conceituação a que tenhamos acesso, o que interessa é que a EaD, inegavelmente, possibilita o acesso ao saber, sobretudo para aquelas pessoas que estão estabelecidas em regiões longínquas ou que por motivos diversos não podem estudar na modalidade da educação presencial.

Na opinião de Landim (1997), a EaD é a modalidade de ensino/aprendizagem mais apropriada para reduzir as distâncias e os isolamentos geográficos, psicossociais, econômicos e culturais, caracterizando uma nova revolução na democratização do conhecimento.

Além de todas essas vantagens, ela rompe com o modelo titular do professor, exige equipes especializadas para preparar, confeccionar e distribuir material didático e estabelece uma nova linguagem na relação professor/aluno, o que é salutar para todos.

2.2. O processo educativo na era digital

Em meio a inúmeras inovações tecnológicas incorporadas nos séculos XX e XXI, a educação passa por um processo de transição, saindo apenas do espaço presencial e chegando ao espaço da tela dos computadores, entre outras metodologias, com os variados recursos para pesquisa e aprendizado, os quais promovem a interação professor/aluno permitindo, segundo Moran (2000, p. 44), “pesquisar, simular situações, testar conhecimentos específicos, descobrir novos conceitos, lugares, ideias e produzir novos textos, avaliações e experiências,”. Assim, o que temos, são programas educativos mais flexíveis e adaptáveis às condições diversas dos alunos de modo a possibilitar a construção do conhecimento que conduza à eficiência do processo ensino/ aprendizagem. No que concerne à educação a distância, em especial com o uso da Rede, esse processo se dá mediado por recursos tecnológicos de pesquisa, com interatividade por meio das chamadas web aulas.

Ao utilizarmos a internet como meio educativo, as web aulas, os vídeos, os chats, os fóruns e/ou outras ferramentas, desejamos integrar diferentes tecnologias e metodologias de aprendizagem com o intuito de atender às necessidades e possibilidades dos alunos, visando potencializar a aprendizagem e o alcance dos objetivos desses alunos.

Essas ferramentas e metodologias conduzem o aluno a refletir sobre sua aprendizagem durante o estudo individual, permitindo-lhe expandir as interações da aula para além do espaço e do tempo, além do contato face a face, dando suporte às atividades de formação no ambiente digital. Com esse avanço tecnológico foi que passamos à atual realidade da educação, nos deparando com uma nova maneira de processar o ensino e a aprendizagem, logo, precisamos entender que se constrói, também, uma nova maneira de avaliar.

Devemos observar, também, que essa educação inovadora calcada na era digital, não se restringe apenas aos campos tecnológicos, mas deve se preocupar, com o processo de ensino/aprendizagem do aluno primando pela qualidade, pois o aluno da EaD que vive as adversidades e tem acesso a essa modalidade de educação é grande merecedor de que se imprima qualidade acadêmica efetiva ao processo educativo que o envolve. De acordo com esse ponto de vista, Romiszowski (2004, p. 13) afirma que:

Usar a Internet para fins educacionais requer o uso de critérios que garantam que a tecnologia atua em função dos objetivos de aprendizagem e não vice-versa. Favorecer a interatividade é um dos grandes diferenciais da Internet, [...] O real aproveitamento da tecnologia se dá com o envolvimento do potencial humano de criatividade e competência, de modo a favorecer a aprendizagem eficaz.

Dessa forma, as webaulas permitem momentos de convivência e interação entre os colegas de sala de aula virtual, seja nas atividades de aula, nas atividades complementares que promovem debates, seminários, fóruns ou avaliações. Atividades, também, em que todos podem estar juntos, online, como no chat, é uma estratégia que garante a interação, quase em tempo real, entre professor e aluno. Com a presença efetiva de bons professores, e alunos que se conectam, trocam informações, questionam e aprofundam conhecimentos, notamos que o espaço de aprendizagem virtual se torna “possibilitador de sonhos”, pois, como sugere Whitesel (1998, p. 1):

A tecnologia não ensina os alunos; os professores eficientes, sim. Um espaço de aprendizagem virtual criado de maneira eficiente por um professor bem preparado pode cumprir as promessas que os educadores fazem a seus a-

lunos. Podemos ajudar a levar aquilo que ensinamos para um número cada vez maior de alunos espalhados por uma área geográfica amplamente diversificada.

Ainda no que compete à EaD, a forma de estudar os conteúdos continua semelhante à educação presencial, ou seja, com muitas leituras seguidas de atividades, envolvimento e participação do aluno em cada aula ministrada. Abrindo um parêntese aqui: às vezes essa interação é até maior que na educação presencial, já que, comprovadamente o volume de leitura é grande e a possibilidade de trocas entre professor e aluno também é intensa. Não há como estudar menos, pois se o curso é bem planejado, com boa metodologia, rico em material básico e complementar e se tem bons professores orientadores o aluno terá oportunidade de tecer a construção do conhecimento e ser incentivado à pesquisa. Todas essas ações se forem bem conduzidas, propiciam constante avaliação do processo educativo.

3. A avaliação da aprendizagem

Ao abordarmos o processo educativo, tanto na educação presencial quanto na educação a distância, temos, necessariamente, que voltar nosso olhar para a avaliação da aprendizagem. A avaliação exige do professor reflexão crítica sobre a prática pedagógica, no sentido de entender os avanços dessa prática, suas potencialidades e suas fragilidades.

O ato de avaliar (não confundido como o mero ato de mensurar) possibilita ao educador tomar decisões sobre o que fazer para superar os possíveis problemas encontrados, ou, ainda, implementar sua prática visando ao avanço qualitativo do processo.

Se a avaliação da aprendizagem é componente do processo educativo, se é elemento da didática, deve, então, auxiliar nesse processo, não se restringindo à simples mensuração, uma vez que a “medição”, por ela mesma, apenas descreve a realidade, constata a realidade. Para termos a avaliação no sentido que defendemos, para que contribua com/no processo escolar, para que auxilie aluno e professor em seus atos de aprender e ensinar, faz-se necessário instrumentos e procedimentos adequados (LIBÂNEO, 1994, p. 204), pensamento válido para as modalidades de educação desenvolvidas presencialmente ou a distância.

3.1. Aprendizagem “objeto” da avaliação

O processo de avaliar é peça fundamental para a aquisição de aprendizagem; em tudo o que fazemos, a todo o momento somos avaliados. Nosso corpo, por exemplo, a todo instante, em toda nossa vivência envia sinais avaliativos para que possamos atentar para seu funcionamento; se em perfeito estado ou não, logo, a febre, que por ventura tenhamos, é um alerta para que saibamos que algo não está de acordo tomemos providências para buscar a causa da mesma. Assim, também, a avaliação se faz presente também na esfera educacional, pois vamos constatando o que aprendemos por meio das ações avaliativas, as quais compõem a metodologia desenvolvida em determinado nível de escolaridade, o que nos conduz ao entendimento de que a “aprendizagem” é objeto da avaliação.

E por que a aprendizagem é objeto de avaliação? Porque a aprendizagem é um processo que envolve mudanças de comportamento que ocorrem por meio da experiência construída por vários fatores, entre eles os emocionais, os neurológicos, os relacionais e/ou os ambientais inclusive. Aprender é construir e reconstruir conhecimento continuamente e é isso o que deve acontecer na relação ensino/aprendizagem que se dá em aula.

Se a aprendizagem exige ressignificações dos sujeitos envolvidos no processo e construção de novas habilidades, então a aprendizagem é “objeto” a ser avaliado porque é em torno dela que a educação e que o ensino devem se pautar e é nela que nosso objetivo como educadores deve estar centrado. Olhar com cuidado para a aprendizagem do aluno e avaliá-la de forma a desencadear ações que o auxiliem a, efetivamente, aprender é o que deve ser feito.

Criar e desenvolver um processo avaliativo comprometido com a aprendizagem, seja na educação presencial ou na educação a distância, é dever do educador, pois como pontua Romiszowski (2004, p. 3):

Avaliação é avaliação e não poderia ser diferente na EaD on-line. Pode até ser mais efetiva pelo potencial da tecnologia WEB, desde que se leve em conta que tal efetividade requer análise crítica e trabalho constante nas dimensões da aprendizagem interativa viabilizadas pela tecnologia.

Assim, também na EaD, quem constrói o aprendizado é o aluno, auxiliado pelo professor, o qual busca sanar as dúvidas desse aluno e aprofundar os conhecimentos adquiridos ao longo das aulas, pois a avaliação é a mesma, não se trata de uma mera substituição de moldes velhos por novos e sim da compreensão do novo contexto, do novo ambiente alternativo que atende às novas demandas educacionais, por meios tecnológicos.

Entendendo a avaliação como parte do processo ensino/aprendizagem, como reiteradamente afirmamos e, ainda, que avaliar faz-se necessário para que delimitemos onde queremos chegar, vamos, a partir de então, pensar mais especificamente como se faz ou poderia ser feita a avaliação na EaD.

4. O processo avaliativo na EAD

Como vimos, a avaliação é componente fundamental do processo ensino/aprendizagem, seja na educação presencial ou a distância, pois é por meio dela que o ato de aprender pode ser observado e pode aguçar reflexões, a partir dos dados, das informações colhidas, com o objetivo de tomar decisões que melhorem a qualidade do ensino.

Avaliar, sabemos, não se resume em sondar as quantidades de conteúdos aplicados no decorrer de cada aula, mas em detectar a qualidade do aprendizado absorvida pelos alunos. Assim, o processo de avaliação estende-se para o conhecimento, as informações e as habilidades que cada educando possa adquirir no decorrer de cada aula e a cada conteúdo ministrado.

A avaliação em EaD, como a própria modalidade indica, tem especificidades que são resultado do modelo educacional proposto para o ensino/ aprendizagem, as quais levam em conta a origem do mesmo. O ensino desenvolvido na EaD tem como centro o aluno e isso faz emergir profundas transformações no processo avaliativo, pois, de acordo com Gunawardena & Zittle (*apud* MEDEIROS, 1999), há que refletir sobre:

1. A orientação e o apoio reservado às atividades desenvolvidas nos diversos ambientes virtuais que devem passar por constantes avaliações.
2. O aproveitamento da navegação por hipertextos como atividade a ser efetivada e avaliada na modalidade em EaD.
3. O apoio às múltiplas tecnologias nos ímpares momentos que compõem o processo ensino/aprendizagem em EaD.
4. A aceitação e o incentivo às tecnologias específicas que direcionam à ambientação e suscitam relações sócio afetivas nessa nova modalidade.

5. Adesão real e efetiva ao estudante oportunizando fazer perguntas, tecer críticas e sugestões e dando devolutivas às suas ponderações, com profundidade de conhecimento e em tempo hábil.

Medeiros (1999) nos alerta para que cada ambiente virtual de aprendizagem (AVA) possua mecanismos que incentivem a aprendizagem autônoma e emancipatória. Esse tipo de aprendizagem sugere a existência, por parte do aluno e do professor, de pontual participação, de compromisso e de colaboração; atitudes que pressupõem uma relação acadêmica pautada pela qualidade, pela autoridade, desde que a autoria e a autonomia grupal e individual se construam com argumentos interativos, uma vez que é com base nos argumentos que a aprendizagem aflora e nela, consequentemente, a avaliação se estabelece.

Concordamos com o ponto de vista de que é de parca seriedade a ação da EaD que dispensa a reivindicação de momentos presenciais reservados a algumas avaliações, pois há situações, e não é necessário ocorrer em todos os momentos avaliativos, em que a presencialidade é condição para fazer evoluir a aprendizagem. Sabemos que muitos questionamentos reflexivos ainda se fazem necessários, pois o tema avaliação da aprendizagem, por si, já é denso e quando tomado na perspectiva da EaD, mais denso se faz, já que avaliar mudanças de comportamento e de atitudes na forma não presencial é, ainda, fato novo que incorpora à temática da avaliação mais uma “pitada” de complexidade.

Além das atividades avaliativas desenvolvidas no decorrer das aulas expostas nos ambientes virtuais de aprendizagem, especificamente ao tratarmos sobre as provas a serem aplicadas em momentos presenciais, o nível de exigência dessas provas que sugerimos sejam em boa parte discursivas, deve ser o mesmo das aplicadas na educação presencial. Sabemos que elas se tornam mais complexas a distância, devido ao acúmulo de conteúdos cobrados, pois é necessário que o aluno estude com profundidade os conteúdos-base e complementares que o professor dispõe no ambiente virtual, e que, por meio da interação síncrona e assíncrona, vá tirando suas dúvidas e se preparando para os momentos presenciais em que será avaliado por meio dessas provas.

Quando se trata da graduação, as avaliações são feitas por disciplina, sob a forma de trabalhos semanais, enviados por portfólios, além do uso de fóruns, *chats*, tele e vídeos conferências e, é claro, das provas presenciais, além de outras ferramentas avaliativas que o AVA disponha.

Também, todo ambiente virtual possui um dispositivo que registra data e hora de acesso do professor e dos alunos. A EaD garante o registro de cada passo do aluno, dando destaque à avaliação processual, uma vez que é possível saber quantas vezes ele entrou no AVA, o tempo passado em *chats* e fóruns e qual a qualidade dessa participação. Desse modo, pode-se verificar se o aluno está interagindo ou não e se os resultados são positivos no que diz respeito à aprendizagem; todo esse “conjunto” também se caracteriza como um método avaliativo, pois conforme, pontua Piletti (1987, p. 190):

A avaliação é um processo contínuo de pesquisas que visa interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento, propostas nos objetivos educacionais, a fim de que haja condições de decidir sobre alternativas do planejamento do trabalho do professor e da escola como um todo.

Temos então a avaliação, também na EaD, como uma ação pedagógica necessária para o processo ensino/aprendizagem que resulta em um conjunto de conhecimentos, o qual o aluno adquire mediante seu interesse e dedicação em cada aula apresentada. Desse modo, com a exigência do comprometimento com as atividades, participação, frequência e avaliação, o ensino pela EaD é tão, ou mais, eficaz quanto o ensino presencial, o que expurga qualquer “ranço” que possa, ainda, existir sobre a efetiva qualidade desse modalidade educativa.

5. *Considerações finais*

Ao iniciarmos a tessitura desse texto desejávamos fazer com que as ideias expostas, pudessem, efetivamente, desencadear momentos dedicados a um estudo reflexivo voltado à temática que envolve a educação a distância e, mais detidamente, à avaliação do processo/aprendizagem dessa modalidade.

Creemos que, como já afirmamos anteriormente, a EaD representa uma revolução na democratização do ensino em todos os níveis de escolaridade. Essa revolução, em nosso país, por tudo o que conhecemos sobre ele e a educação que nele se desenvolve faz-se de extremada importância.

Entendemos que a avaliação na EaD tem pontos fortes calcados na autonomia, autodidaxia, pesquisa e autoria, capacidades importantíssimas na formação de todo educando que deseje ser crítico e cômico de seu papel. Mas não podemos ignorar o fato de que nessa modalidade de

educação, o contato pessoal – professor/aluno –, a presença “face a face”, é bem menor ou, praticamente, inexistente, o que, fatalmente, dificulta, por exemplo, o professor conhecer ou observar mudanças comportamentais individuais no aluno, ações bastante importantes para o processo qualitativo de avaliação que almeje qualidade.

Mesmo diante dessa especificidade, por outro lado, a relação professor/aluno é menos hierarquizada, pois a interação via mensagens eletrônicas não causa inibição; o aluno sente-se mais “à vontade” para comunicar-se, já que os símbolos socioculturais subjetivos não afloram, como na educação presencial. Esse fato não anula o distanciamento espacial que existe entre ambos, mas auxilia muito para que se de uma educação mais democrática.

A explicitação de regras, em toda modalidade de educação é importante, mas na EaD ela é ainda mais necessária, pois tanto as questões pedagógicas, quanto as diretamente ligadas à avaliação, postas pelo professor, evitarão equívocos ou mal entendidos para uma clientela que tem por meio da web aula, da plataforma, afinal no AVA, seu grande companheiro de ensino/aprendizagem.

Das práticas que conhecemos, entendemos que muito precisamos avançar na referida temática, pois a avaliação na EaD exerce uma função basicamente somativa no processo, o que nos faz visualizar que a função diagnóstica é pouco exercida, assim como a formativa é quase inexistente por conta de metodologias e tecnologias que ainda devem avançar para propiciar maior contato entre alunos e professores.

Enfim, se objetivamos uma educação que se preocupe com qualificação ou o aperfeiçoamento dos estudantes para o mercado profissional, grande parte dos atuais modelos de avaliação são apropriados. Mas, se o objetivo da educação é o desenvolvimento do conhecimento que conduza os estudantes a serem pessoas críticas, conscientes e cidadãs (nas verdadeiras acepções dessas palavras) então, esse modelo atual carece ser reelaborado, pois se reduz, com raras exceções, a colher dados apenas quantitativos. Fica aqui, portanto, a provocação para que um número maior de educadores envolvidos com o tema da educação a distância e o processo de avaliação que permeia essa modalidade, se amplie, que sugestões em direção ao avanço qualitativo sejam pontuadas, e ainda, que a EaD, cada vez mais, se legitime como uma modalidade de educação democrática de extremada qualidade. É isso que precisamos, prin-

cialmente, em um país como o nosso, tão grande, tão diverso e com déficits de escolaridade tão sérios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLONI, I. Avaliação institucional: um instrumento de democratização da educação. Brasília, *Linhas Críticas*, v. 5, n. 9, p. 7-30, 1999.

FORMIGA, M. A terminologia da EaD. In: LITTO, F. M.; FORMIGA, M. (Orgs.) *Educação a distância*. O estado de Arte. São Paulo: Pearson, 2009.

GARCIA ARETIO, L. *Edicación a distancia hoy*. Madrid: UNED, 1995.

LANDIM, C. M. M. P. F. *Educação a distância*: algumas considerações. Rio de Janeiro: Edição da Autora, 1997.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1991.

MEDEIROS, M. F. Paradigma em educação a distância: processo re-constitutivista em ambientes colaborativos e interativos. In: *Anais da III Jornada de Educación a Distância – Mercosul-99*. Osorno: Chile, 1999.

MORAN, José Manuel et al. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papyrus, 2000.

_____. Gestão inovadora com tecnologias. In: _____. *Formação de gestores escolares para utilização de tecnologias de informação e comunicação*. São Paulo: Takano, 2002.

PILETTI, C. *Didática geral*. São Paulo: Ática, 1987.

REICE – *Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación*, vol. 5, n. 2, 2007.

RERRY, G.; RUMBLE, G. *A short guide to Distance a Education*. Cambridge: Internacional Extension College, 1987.

ROMISZOWSKI, H. Avaliação no design instrucional e qualidade da educação a distância: qual a relação? *RBAAD/ABED*, vol. 2; n. 4, 2004. Disponível em: <www.abed.org.br>.

SCRIVEN, M. The Sate of Art in the New Discipline of Evaluation. *Congresso Internacional de EAD/ABED*, Salvador, 2004.

VIEBRANTZ, R.; MOROSINI, M. C. *A norma de qualidade para a aprendizagem, educação e formação*. ISO/IE (19796-1)-Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 277-285, set/dez.2009.

WHITESEL, C. Reframing Our Classrooms, Reframing Ourselves. Perspectives from a Virtual Paladin. North Carolina: The Technology Source Archives at the University of North Carolina. *Revista Electrónica*, 1998.